



Caros (as) professores (as),

Remeto a Newsletter n.º 7 (ano letivo 2024/2025), do DGE.

Publicações científicas:

Oliveira, J. M., & Gomes, C. F. (2024). Critical factors for the success of Sustainable Development Goal 12 in the digital transformation era: The effect of ISO 14001. *Business Strategy and the Environment*, 1–16. <https://doi.org/10.1002/bse.4023>

Divulgações:

20th^h European Conference on Innovation and Entrepreneurship (ECIE 2025) – Mais informações: <https://www.academic-conferences.org/conferences/ecie/>

Notícias:

Os carros e antigas lições



Vitor
Hugo
Ferreira

O que é um carro? Leiria parece uma cidade apaixonada por automóveis (nada contra, mas o foco de atenção prende-se mais com o produto, criação de valor, do que com o lado cénico, que no grande esquema das coisas, pode ser menos importante). Um carro hoje, mesmo com motor de combustão, contém quilómetros de fios elétricos, milhares de chips semicondutores e milhões de linhas de código que controlam tudo, desde as fechaduras, aos travões, passando pelo sistema de entretenimento. Um carro é uma peça de eletrônica/IT e cada vez menos um engenho mecânico. Esta verdade é ainda mais premente no caso dos veículos elétricos (VE). Nestes, a bateria e outros componentes eletrônicos representam mais de metade do valor dos componentes, em comparação com um décimo nos motores dos carros de combustão. Sendo assim, é natural que uma empresa conhecida por fabricar por subcontratação iPhones e outros gadgets (a Foxconn) deseje ser para os fabricantes de automóveis o que já é para a Apple e outras marcas de produtos eletrônicos de consumo: a fabricante contratada de escolha. Esta nova realidade deve preocupar a indústria local e alertar os fabricantes europeus (que continuam entretidos a solicitar tarifas e o adiamento da proibição de produção de motores de combustão, em vez de inovar e pensar estrategicamente). No dia 8 de outubro, a empresa revelou dois novos modelos de VE, que se juntam a uma linha de seis designs anteriores, para que as marcas escolham e customizem ao seu gosto. Se um VE é um smartphone sobre rodas, por que não construí-lo como um smartphone? Para a Foxconn, o mercado automóvel é muito apetecível, dado o seu valor de mais de 4 "trilhões" de dólares. Na verdade, já existem alguns modelos da BMW, Jaguar e Toyota (de baixo volume e elevada margem), que são montados por empresas como a Magna Steyr. Mas existem dois problemas com a comparação com a Apple. Primeiro, o desafio de replicar este negócio é dantesco e envolve uma capacidade de logística tremenda (provavelmente alguns fabricantes chineses seguirão este caminho). Segundo, a Apple domina a propriedade intelectual da cadeia de valor, investindo fortemente em I&D e Marketing - o que lhe permite preservar a vantagem competitiva - coisa que os fabricantes de automóveis europeus se esqueceram de fazer (note-se que BYD, a campeã chinesa de VE, gastou 27% das suas receitas em I&D no ano passado). Seja como for, este é um novo sinal de alerta sobre o que é um carro, qual a sua cadeia de valor e quais os recursos que fornecem a vantagem competitiva - uma lição que empresas como a Kodak (boa a fazer filme, sem competências para câmaras) ou a Nokia (boa na eletrônica, sem competências de software) não foram a tempo de aprender.



Um carro é
uma peça de
eletrônica/
IT e cada vez
menos um
engenho
mecânico

Director-geral da Startup Leiria
Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo
Ortográfico de 1990

Não percam o próximo episódio, porque nós...



Nuno
Reis

No final dos anos 1990, eu era um atento espectador do Dragon Ball. A série animada japonesa era apresentada em episódios diários de vinte minutos - numa época em que a internet era uma ideia vaga, a TV por cabo restrita a alguns meios urbanos, e a escolha de entretenimento era reduzida. A temática da série Dragon Ball era a luta entre o Bem e o Mal, sendo os combates apresentados para que os espectadores tomassem partido de um dos lados - normalmente, o lado do protagonista. Nos incontáveis episódios, as novidades eram servidas a conta-gotas e era gerado um momento de suspense que permitia ao narrador despedir-se a cada dia dizendo "Não percam o próximo episódio, porque nós... Também não!"

Décadas volvidas, temos milhares de séries de todos os géneros disponíveis a toda a hora. Todos os episódios, imediatamente, sem ter de esperar pelo dia seguinte. Uma variedade que permite descobrir novas coisas, por si só, sem ficar limitado às escolhas dos diretores de programas dos canais generalistas. Já para não falar dos imensos pequenos produtores de conteúdos que encontramos facilmente no Youtube ou nas redes sociais. Temos uma torrente de oferta, que pode saciar a nossa sofreguidão de entretenimento.

E, no entanto, os sucessos de audiência e os motores de conversas de circunstância continuam a ser os conteúdos servidos em doses

limitadas: *reality shows*, futebol, e novelas são acompanhados com atenção por muita gente para tentar perceber quem irá ganhar no final. A incerteza do resultado (quem será o campeão? E o novo Zé Maria?) entusiasma, permitem escolher lados, e gera emoção - mesmo que fugaz.

Penso que ninguém como os produtores de notícias televisivas tem aproveitado tão bem a emoção gerada pela incerteza. É, atualmente, difícil distinguir um canal de notícias de um canal de séries: temos episódios diários sobre temas diversos, mas que, em comum, têm a possibilidade de tomar lados: futebol, guerra na Ucrânia, guerra no Médio Oriente, eleições americanas e, a novidade da grelha deste ano, orçamento de estado português. Quem perde e quem ganha, é esse o entusiasmo.

Mas, tal como acontecia nos anos 1990 com o do Dragon Ball, a novidade a cada episódio diário é praticamente inexistente. Um jogador que correu mais ou menos, um míssil a mais ou a menos, umas intrigas sobre "diz que disse" a propósito de votar ou deixar de votar. Por tudo isto, quero propor aos pivots de notícias: passem a encerrar os telejornais com "Não percam o próximo episódio, porque nós... Também não!"

Professor e investigador do Politécnico de Leiria
Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

Jornal de Leiria, 24/10/2024

Segue-nos nas redes sociais:

